

LITERATURA BRASILEIRA
Textos literários em meio eletrônico
Sermão Segundo do Mandato, de Padre António Vieira

Edição de base:
Sermões Escolhidos, vol. I,
Edameris, São Paulo, 1965.

Edição eletrônica:
Antonia Javiera Cabrera Muñoz

SERMÃO SEGUNDO DO MANDATO

Pregado no mesmo dia na Capela Real, às três da tarde.

Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem: cum dilexisset suos, in finem dilexit eos .(1)

§ I

A batalha de Josué e a batalha do amor de Cristo. O cavaleiro armado do Apocalipse. O novo competidor do amor de Cristo: o amor do Eterno Padre no dia da Encarnação. As duas proposições do sermão: no dia da Encarnação amou tanto o Padre aos homens que parece amou mais aos homens que ao Filho; no dia de hoje amou Cristo tanto aos homens que parece amou mais aos homens que ao Padre.

Outra vez, Senhor, neste mesmo dia, outra vez torno a falar de vosso amor. Dobraram-se neste dia os dias, dobraram-se e encontraram-se os mistérios, encontrou-se consigo o mesmo amor, e pois ele no mesmo dia duas vezes nos amou tanto, por que não diremos nós também duas vezes no mesmo dia, já que fizemos tão pouco? Vitorioso deixei hoje o amor de Cristo, mas ainda neste mesmo dia Ihe resta muito que vencer. Josué, para acabar de vencer uma vitória, mandou parar o sol, e fez de um dia dois dias. Nós temos dois dias reduzidos a um só dia, e nem por isso receio apresentar hoje nova batalha, que nos não pode faltar luz onde o mesmo sol é o combatente. Josué disse que nem antes nem depois houve tão grande dia como aquele: Non fuit antea nec postea tam longa dies (Jo 10, 14). Mas o dia em que estamos - que também compreende o antes e o depois - pelo que foi e pelo que é, é muito maior dia. Uma só hora deste dia é muito maior que todo aquele, porque aquele era dia de Josué, e esta é hora de Jesus: Sciens Jesus quia venit hora ejus.

Nesta hora, pois - que não será mais de uma hora - sairá outra vez em campo o amor de Cristo também de amor a amor, e de dia a dia. Viu S. João no seu Apocalipse sobre um cavalo-pombo um galhardo cavaleiro armado de arco e setas Et ecce equus albus, et qui sedebat super illum habebat arcum; logo viu que lhe punham uma coroa na cabeça: Et data est ei corona - e que assim coroadado saiu já vencedor para vencer: Et exivit vincens ut vinceret (2) . Por este cavalo branco entendem os intérpretes a sagrada humanidade, que sempre, como no Tabor, veste de neve. O cavaleiro armado de arco e setas, as mesmas insígnias dizem que é o amor, e não outro senão o amor do mesmo Cristo. Mas se já vinha vencedor e tinha recebido a coroa da vitória, por que sai outra vez a pelejar e vencer: Exivit vincens ut vinceret? - Porque o amor do nosso divino Amante, quanto compete em amar, como compete hoje - cum dilexisset, dilexit (3) - não se contenta com uma só coroa, nem com uma só vitória: coroa-se pare se tornar a coroar, e vence para tornar a vencer. Esta é a não imaginada empresa que o tira nesta hora, não ao mesmo, senão a outro major teatro. Esta manhã saiu a vencer a batalha; agora sai a vencer a vitória.

Mas, se na comparação de dia a dia e de amor a amor, o amor de Cristo esta manhã se competiu e se venceu a si mesmo, que novo ou que outro competidor pode haver maior, para que seja maior a competência e maior a vitória? É certo que só o Eterno Padre pode ser maior, do qual disse o mesmo Cristo: Quia Pater major me est (4). E porque este unicamente é o major competidor, o amor do Eterno Padre no dia da Encarnação, e o amor de Cristo no dia de hoje, serão os dois altíssimos competidores que esta tarde veremos contender - com tanta glória sua como nossa - sobre qual deles amou mais aos homens. Em tudo o que Cristo, Senhor nosso obrou nos mistérios do Cenáculo, já vimos que teve sempre adiante dos olhos o dia da Encarnação e o dia de hoje: Sciens quia a Deo exivit (5): eis aí o dia da Encarnação, - Et ad Deum vadit (6): eis aí o dia de hoje. E assim como o Senhor comparou um dia com o outro dia, assim também o Evangelista comparou um amor com o outro amor. Do amor do Padre no dia da Encarnação tinha dito o mesmo S. João: Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret (7): e do amor de Cristo no dia de hoje, contrapondo amor a amor, mundo a mundo e Filho a Padre, disse pelos mesmos termos: Suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos (8). O in finem responde ao sic, e o sic e o in finem significam com igualdade, e sem vantagem, o excesso de um e outro dilexit. Pondo, pois, de frente a frente, em competência igual, de uma parte um dilexit e da outra outro dilexit, de uma parte o amor do Padre no dia da Encarnação, e da outra o amor de Cristo no dia de hoje, a resolução de todo o combate em duas proposições será esta: no dia da Encarnação amou tanto o Padre aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Filho; e no dia de hoje amou Cristo tanto aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Padre. Se alguém cuidar, entretanto, que isto é igualar, e não vencer, depois verá que da parte do amor de Cristo foi vencer, e com a maior vitória.

§ II

O preceito de morrer e padecer imposto ao Verbo feito homem. Os dois excessos do amor do Eterno Padre pelos homens: tirou de nós as culpas e as pôs em seu Filho, e tirou de seu Filho os merecimentos e os pôs em nós. O amor de Rebeca a Jacó. O pedido da mãe dos zebedeus e o cálix da Paixão.

Entrando nas nossas grandes proposições, e começando pela primeira, para inteira inteligência do que se há de dizer, é necessário supor, com a melhor e mais bem fundada teologia, que quando o amor do Eterno Padre deu aos homens seu Filho: Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret - não só no-lo não deu com liberdade de viver quanto e como quisesse, mas com preceito e obediência de morrer e padecer tudo o que padeceu por nós. Assim o tinha já dito o mesmo Senhor, por boca de Davi: In capite libri scriptum est de me, ut facerem voluntatem tuam, Deus meus, volui, et legem tuam in medio cordis mei (9) É neste dia - como outras muitas vezes - fez menção do mesmo preceito: Ut cognoscat mundus quia diligo Patrem, et sicut mandatam dedit mihi Pater, sic facio (10). E assim como no dia da Encarnação nos deu efetivamente o Eterno Padre seu Filho, assim no mesmo dia, e no mesmo instante, o carregou destas pensões e lhe pôs esta obediência, o que antes não podia ser, porque dantes o Verbo não era sujeito ao Padre, e, tanto que encarnou e se fez homem, sim.

Isto posto, já que não podemos compreender o amor divino pelo que é julgá-lo-emos pelo que parece. Digo, pois, que no dia da Encarnação amou tanto o Eterno Padre aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Filho: Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret (11). O que muito encarece o amor do Eterno Padre no dia da Encarnação é que desse por nós seu Filho, sendo único, e não tendo outro: Filium suum unigenitum. Se o Eterno Padre tivera dois filhos, muito fora dar um; e se dera um por outro, já tínhamos grande argumento para cuidar e nos parecer que amava mais este segundo que o primeiro. Dizei-me: se um pai tivera dois filhos, um livre na pátria, e outro cativo em Argel, e para resgatar o cativo desse ou vendesse o livre, não entenderíamos todos que este pai amava mais o filho cativo que o filho livre? Claro está. E se este, que chamamos filho, não fora filho, senão servo, não faríamos ainda muito maior conceito do excessivo amor daquele pai? Pois isto é o que fez o Eterno Padre no dia da Encarnação. Ut seruum redimeres, Filium tradidisti: Estava o homem cativo pelo pecado: qui-lo resgatar o Eterno Padre, e que fez o seu amor? Vendeu o Filho para

resgatar o servo. Hoje vereis o Filho vendido, amanhã vereis o servo resgatado.

Mais faz neste caso o Eterno Padre, e tanto mais, que bastava só a metade do que fez para todo o bom entendimento julgar que amou muito mais aos homens que ao Filho. O profeta Isaías, no capítulo cinquenta e três, em que prova a geração inefável de Cristo, enquanto Filho do Eterno Padre: Generationem ejus quis enarrabit (12)? - pondera duas resoluções admiráveis do mesmo Padre, e que de nenhum pai se puderam crer em respeito de seu filho. Por isso começa dizendo, e como duvidando, se haverá alguém que lhe dê crédito: Quis credidit auditui nostro (13)? E que duas resoluções foram estas? A primeira que, para nos livrar tirou as nossas culpas de nós, e as pôs em seu Filho: Posuit Dominus in eo iniquitatem omnium nostrum (14); a segunda que, para nos justificar, tirou os merecimentos do Filho e os pôs em nós: Pro eo quod laboravit anima ejus; justificabit ipse justus servus meus multos (15). Assim foi uma e outra coisa. Tirou o Eterno Padre as culpas de nós, e pô-las em seu Filho, porque nós não podíamos satisfazer à divina justiça por nossas culpas, e Cristo foi o que, tomando-as sobre si, satisfez por elas. E tirou os merecimentos de seu Filho, e pô-los em nós, porque Cristo não mereceu para si a graça nem a glória, nem nós alcançamos, nem podíamos alcançar uma e outra, senão pelos merecimentos de Cristo. Sendo, pois, certo e de fé, que o Padre tirou de nós as culpas, e as pôs em seu Filho, e tirou de seu Filho os merecimentos, e os pôs em nós, quanta fé é necessária para não crer que amou mais aos homens que ao Filho? Bastava só um destes dois excessos, ou a metade deles, como dia, para que todo o mundo o julgasse assim.

Rebeca tinha dois filhos, Jacó e Esaú; mas o que mais amava era Jacó: Rebecca diligebat Jacob (Gen 25, 28). E donde se prove este maior amor? Não só se prova das palavras da Escritura, que é a primeira fé, senão também das obras, que é a segunda. Todos sabemos que pertencendo a benção a Esaú, Rebeca com as suas indústrias a tirou a Esaú, e a pôs em Jacó. E mãe que tire a benção a um filho, cuja era, e a dá a outro filho, a quem não pertencia, e faz que o que Esaú tinha trabalhado, suado e merecido, que o logre Jacó a mãos lavadas e sem trabalho, claro está que a Jacó ama mais que a Esaú, antes que só a Jacó ama, que isso quer dizer a palavra do texto: Rebecca diligebat Jacob. Agora pergunto: e assim como Rebeca tirou a benção de Esaú e a pôs em Jacó, tirou também algumas culpas de Jacó para as pôr em Esaú? Não. Logo Rebeca não fez, não arremedou por amor de Jacó mais que a metade do que fez o Eterno Padre por amor de nós, porque Rebeca só tirou a benção a Esaú para a pôr em Jacó, e o Eterno Padre tirou a benção do Filho para a pôr no homem, e tirou a culpa do homem para a pôr no Filho. Pois, se a metade só, ou uma semelhangia de a metade do que fez o Padre pelos homens, bastou para provar, e ser de fé, que Rebeca amava mais a Jacó que a Esaú, dobrada prova tinha a nossa razão, para cuidar que amou mais o Padre os homens que a seu Filho. Não foi assim, porque ensina o contrário a fé, mas esteve tão perto de o ser, que parece que o foi. Vamos a outros filhos.

Os excessos, a que o amor do Padre sujeitou e obrigou a seu Filho no dia da Encarnação, foram tão superiores, tão opostos e tão verdadeiramente contrários a tudo o que o amor paternal intenta, ainda quanto mais empenhado, que para os entender é necessário fingir. Quando os filhos do Zebedeu pretenderam as duas cadeiras do reino de Cristo, e o Senhor lhes respondeu que, para subir à cadeira, era necessário beber o cálix, se o amor da mãe, que fez a petição, fora tão desigual como o de Rebeca, pudera replicar desta maneira: - Aceito, Senhor, o despacho, como tão próprio de vossa divina justiça, mas para que ela se mantenha em todo seu vigor, e a esperança, que me trouxe a vossos pés, não fique de todo frustrada, suposto que os meus filhos são dois, parta-se entre ambos a minha petição, e também o vosso despacho. Mereça um com o trabalho, e logre o outro o prêmio; beba um o cálix, e suba o outro à cadeira assente-se na cadeira João, e beba o cálix Jacobo. - Se assim replicara a mãe dos Zebedeus, não havíamos de entender que amava mais a João que ao outro filho? É sem dúvida. E posto que eu não digo que entendamos o mesmo do amor do Padre, digo, porém, que saibamos que assim o fez. Para o homem se assentar na cadeira da glória, segundo as leis e decretos da divina justiça, era necessário que o cálix da Paixão se bebesse primeiro. E que fez o amor do Padre? Partiu o cálix e a cadeira entre o Filho e o homem, e o homem quis que subisse à cadeira, e o Filho que bebesse o cálix. Assim o disse o mesmo Filho, falando de si e do Padre: Calicem, quem dedit mihi Pater non vis ut bibam illum (16)? E que não seja isto amar mais ao homem que ao Filho? Tanta fé é

necessária para crer que nos não amou mais, como para crer que fez tanto.

Mas vamos com a parábola, ou com o fingimento por diante. A mãe dos Zebedeus, como amava tanto a um filho como ao outro, não pediu aquela partilha; mas se ela a pedira, e o Senhor lha concedera, e Jacobo replicara uma e muitas vezes que, pois João havia de levar a cadeira, bebesse também João o cálix, e não ele, e a mãe, contudo, estivesse inexorável a todas estas réplicas, e, sem nenhum movimento de piedade, persistisse na mesma resolução de que Jacobo bebesse o cálix, e, finalmente, o obrigasse a isso, não se provaria nesta segunda instância, ainda com maior evidência, que amava mais a João? Pois este é o caso em que estamos, e assim o executou o Padre com seu Filho. Estando Cristo no Horto deu licença à parte inferior da alma a que falasse por boca da natureza e exprimisse todos os seus afetos; e o que disse foram estas palavras: Pater omnia tibi possibilia sunt: si possibile est, transfer calicem hunc a me: (Mc 14, 36 - Mt 26, 39): Pai meu, tudo vos é possível, e, se é possível que eu não padeça, transferi de mim este cálix. - Da mesma palavra transfer usa S. Lucas (Lc 22, 42), e transferir é passar de um lugar para outro lugar ou de uma pessoa para outra pessoa. Onde se vê que Cristo não pedia que o mundo se não remisse, nem que o cálix se suspendesse ou derramasse, mas que não fosse ele o que o bebesse, senão outro em quem se transferisse: Transfer calicem hunc a me. - Por isso alegava a possibilidade desta comutação, porque, como resolvem os teólogos, ainda que, para satisfação de rigor de justiça, era necessário que o homem que houvesse de satisfazer fosse juntamente Deus, de liberalidade porém e de graça, bem podia Deus aceitar a satisfação de um puro homem. Falando, pois, Cristo neste sentido, a sua petição foi como se dissesse: - Já que o homem pecou, pague ele pelo seu pecado, e já que há de ir à glória que lhe não é devida, beba ele o cálix, para que de algum a mereça. Beba ele o cálix, outra vez, e não eu, que nunca pequei, e sou a mesma inocência. Beba ele o cálix, e não eu, a quem não é necessário ganhar ou merecer a glória, pois que é minha. - E que sendo esta petição tão justificada, e de matéria não impossível, e fazendo-a o Filho três vezes, com tanta aflição e eficácia, que chegou a suar sangue, que o Padre, contudo, invocado como Pai, não ouça a primeira oração, nem ouça a segunda, nem ouça a terceira, e que resolutamente queira e mande que, para que o homem se assente na cadeira, beba o Filho o cálix, e, para que o homem pecador triunfe, o Filho inocente padeça, excesso foi de amor, que excede toda a admiração. E que à vista de tudo isto haja de cuidar o entendimento humano que, no dia em que este decreto se intimou a Cristo - que foi o dia da sua Encarnação - o Padre, que assim o ordenou, não amasse mais aos homens que ao Filho?

§ III

O sacrifício do filho de Abraão e o sacrifício do Filho de Deus.

Ora, Senhor, eu já não quero discorrer com suposições nem argumentos humanos, mas quero que vós mesmo nos digais vosso parecer, para que veja-mos e vejais quão bem fundado e o nosso. Quis Deus averiguar por experiência a qual de dois amava mais Abraão: se ao mesmo Deus, se a seu filho Isac. A razão de fazer esta prova era muito bem fundada, porque há muitos pais que amam mais os filhos que a Deus, e Abraão verdadeiramente amava muito aquele filho. E que meio tomou Deus para experimentar qual era o mais amado? Todos sabemos o caso. Manda a Abraão que lhe sacrifique a Isac: Tolle filium tuum, quem diligis, Isaac, et offeres eum in holocaustum (17). O quem diligis mostrava bem o motivo do sacrifício. Toma, pois, Abraão ao filho, leva-o ao monte, ata-o, e põe-no sobre a lenha, tira pela espada. -Basta, diz Deus, já estou satisfeito: Nunc cognovi quod times Deum, et non pepercisti unigenito filio tuo propter me (18): Não perdoaste a teu filho, e quiseste-o sacrificar por amor de mim? Claro está que me amas mais a mim que a ele. - Pois se isto, Senhor, vos pareceu a vós, por que me não parecerá a mim o que digo? Não é o parecer meu, é vosso. Vós dizeis de Abraão: Non pepercisti unigenito filio tuo propter me (19) - e S. Paulo diz de vós: Proprio Filio suo non pepercit, sed pro nobis tradidit illum (20). Se querer sacrificar o pai ao filho por amor de Deus é amar mais a Deus que ao filho, sacrificar Deus com efeito ao Filho por amor dos homens, por que não será amar mais aos homens que ao Filho? Eu não posso dizer que é assim, mas Deus não pode dizer que o não parece. Deus disse: Nunc cognovi (21) - e nós podemos dizer o mesmo, e com muito maior razão.

Abraão quis sacrificar o filho, mas não o sacrificou; o Padre quis sacrificar o Filho, e sacrificou-o: Abraão pôs o filho sobre a lenha, mas não lhe meteu o ferro: o Padre pôs o filho sobre a cruz, e pregou-o nela com três cravos até dar a vida; Abraão, se deu um filho, ficava-lhe outro: o Padre deu um Filho, mas não tinha outro, nem o podia ter; o amor de Abraão foi forçado com o preceito: o amor do Padre foi livre e espontâneo; o amor de Abraão foi misturado com temor: Nunc cognovi quod times Deus - o amor do Padre todo foi amor, porque não tinha a quem temer, e só temeu que os homens se perdessem, que foi maior circunstância de amor. Pois, sendo tanta a diferença de Pai a pai, de Filho a filho e de amor a amor, se dar Abraão o filho por amor de Deus foi amar mais a Deus que ao filho, dar Deus o Filho por amor dos homens, por que não será amar mais aos homens que ao Filho? Parece-o tanto, que é necessário que a fé nos feche os olhos, para crer que não foi assim.

Viveu, enfim, Isac, mas nem por isso deixou Deus de aperfeiçoar o sacrifício: e como? Com um cordeiro que ali apareceu preso pela cabeça entre uns espinhos: *Arietem inter vepres haerentem cornibus* (22) . Este, diz o texto, que sacrificou Abraão em lugar do filho: *Quem assumens obtulit holocaustum pro filio* (23) - e assim acabou em alegria aquela famosa tragicomédia. Mas se neste último ato dela me fora lícito perguntar a Deus, perguntara-lhe eu duas coisas: a primeira, se amava mais a este cordeiro, que ali trouxe milagrosamente para ser sacrificado, ou a Isaac, a quem tirou da garganta a espada do pai, e livrou do sacrifício? É certo que havia de responder Deus que mais amava a Isac que ao cordeiro. E sobre esta resposta, a segunda coisa que eu havia de perguntar é quem era aquele Isac e quem era aquele cordeiro? E também é certo que me havia de responder Deus que Isaac era figura do homem que estava condenado a morte, e o cordeiro coroado de espinhos e sacrificado, figura de seu Filho, que morreu para que o homem não morresse. Pois, se Isac foi mais amado que o cordeiro, e o cordeiro era figura do Filho, e Isac figura do homem, por que não entenderemos nós, e se nos afiguraré, quando menos, que quando o Padre matou o Filho, para que o homem vivesse, amou mais ao homem que ao Filho?

§ IV

A notável demanda das duas mulheres diante de Salomão e o amor do Eterno Padre ao filho morto. A destreza da paternidade no apólogo de Sedulio. Barrabás, filho do padre, propriíssima figura do primeiro homem. As invejas e ciúmes do amor do Pai figurados na parábola do Filho Pródigo. Cristo, banquete do filho pródigo.

É tanto assim verdade que, postos neste ato de uma parte os homens e da outra o Filho, e o Padre entre ambos, dos homens parece que era Pai, e do Filho não. É juízo humano, mas de sabedoria divina. Vieram duas mulheres diante de Salomão, com uma demanda notável. Traziam consigo dois meninos, um morto, outro vivo: o vivo cada uma dizia que era seu filho, o morto cada uma dizia que o não era. Que faria o grande rei nesta perplexidade? *Dividite infantem vivum* (3 Rs 3, 25): Parta-se o menino vivo pelo meio, e leve cada uma a sua parte.- Ouvida a sentença, uma das mulheres consentiu e disse, parta-se, a outra não consentiu, e disse viva o merino, e leve-o embora minha competidora. E qual destas duas era a verdadeira mãe? A que disse viva o merino. Assim o julgou Salomão, e assim era, porque a que disse morra mostrou que não amava; a que disse viva provou que amava, e da que amava o menino desta era filho. Voltemos agora o passo, e venha a juízo o amor do Eterno Padre. No dia da Encarnação estava o homem morto, e o seu Filho vivo; e o Eterno Padre que disse? Disse: morra o Filho, pare que viva o homem. Morra o Filho, e viva o homem? Logo do homem é Pai, e do Filho não. Ali está o amor, e não aqui. A mãe do vivo amava-o tanto que o quis vivo, ainda que ficasse alheio: a mãe do morto amava-o tão pouco que antes queria o vivo alheio, que o morto seu. E o Eterno Padre, sendo Pai do vivo, amou tanto o morto, que quis que morresse o vivo, para que o morto vivesse. Vede se amava mais ao homem que ao Filho, e se do homem parecia Pai e do Filho não. Se assim o havia de julgar Salomão, que muito é que a mim mo pareça?

Sedulio, padre antigo, e poeta ilustre da lei da graça, conta um caso admirável. Foi à caça um famoso tirador da Tessália, e deixou um filho pequeno ao pé de uma árvore, enquanto se meteu pelas brenhas.

Quando tornou, viu que estava enroscada uma serpente no menino. E que conselho tomaria o pai em um caso tão perigoso? Se atirava a serpente, arriscava-se a matar o filho; se lhe não atirava, mordida a serpente o menino e matava-o. A resolução foi que embebeu uma seta no arco e mediu a corda com tanta certeza, e pesou o impulso com tanta igualdade que, matando a serpente, não tocou no menino. Pasma Sedulio da felicidade do tiro, e diz assim: *Ars fuit esse patrem: Não cuide ninguém que foi isto destreza da arte: foi ser pai.*- Aquela serpente do paraíso enroscou-se em Adão e enroscou-se em Cristo: em Adão, porque foi o autor da culpa; em Cristo, porque tomou a culpa de Adão sobre si. Quis o Eterno Padre matar a serpente, mas como se houve? Faz um tiro a serpente, que estava enroscada do homem, mata a serpente, e não toca no homem; faz outro tiro a serpente que estava enroscada no Filho, mate a serpente e passa de parte a parte o Filho. Pois ao Filho mata, e ao homem não toca? Sim. Ao Filho atirou com tão pouco reparo, como se não fora seu Filho, e ao homem com tanto tento, como se fora seu Pai: *Ars fuit esse patrem.* Se o amor se há de julgar pelas setas, na do homem mostrou o Padre que era Pai, na do Filho que o não era. No dia de amanhã se viu isto mesmo publicamente e em próprios termos.

Quando Cristo e Barrabás foram propostos por Pilatos à eleição do povo, clamou o mesmo povo, solicitado pelos príncipes dos sacerdotes: - *Morra Cristo, e viva Barrabás.* - Grande injustiça, mas muito maior mistério, diz Santo Atanásio. E qual foi? Que logo na primeira sentença com que Cristo foi condenado à morte, se visse publicamente, nos efeitos dela, que morria e era condenado para dar vida e absolver condenados. *O res mira, praeterque omnem opinionem. Subit sententiam mortis Christus, et statim Barabbas absolvitur. Condemnationis ingressus liberationis condemnatorum quidam ingressus fuit.* O povo, que costumava ser voz de Deus, sem entender o que diziam as suas vozes, foi o pregoeiro da sentença do Padre, que primeiro tinha dito: - *Morra meu Filho, e viva o homem.* - E vede como em nenhuma figura se podia melhor representar o caso, que na de Barrabás. Barrabás, como dizem S. Lucas e S. Marcos, era ladrão e homicida, e por isso propriíssima figura do primeiro homem, que foi ladrão, roubando o fruto da árvore vedada, e homicida, matando-se a si e a todos seus descendentes. E quando o Padre mata e condena o Filho para dar vida e absolver o homem, qual deles diremos que é o Filho do Padre? Digo confiadamente que não é, segundo parece, o Filho, senão o homem. Pois o homem, representado em Barrabás, ou o mesmo Barrabás é o Filho? Sim, e outra vez sim, com milagrosa propriedade, porque Barrabás na língua hebraica quer dizer: *filius patris*: o filho do padre: *Barabbas filius patris latine dicitur*, diz Santo Ambrósio (24). E a razão da etimologia é porque *bar* em hebreu quer dizer filho, e *abbas* quer dizer pai. De sorte que quando o Filho é condenado, para que o homem se livre, e quando o Filho morre, pare que o homem viva, então o homem se chama filho do Padre: *filius Patris* - porque o homem verdadeiramente, neste caso, o homem parece que é o filho do Padre, e o Filho não.

Ah! Filho de Deus, que não sei se me compadeça de vós! O certo é que se de Deus pudera haver ciúmes, e no Filho de Deus pudera haver inveja, caso e ocasião era esta em que Cristo pudera ter invejas dos homens e ciúmes do amor de seu Padre. O mesmo Cristo o disse, ou descreveu- assim. Quando o pai recebeu o filho Pródigo com tanta festa, e matou o vitelo regalado - que eram as delícias naturais daquele bom tempo - para lhe fazer o banquete, o filho mais velho, que estava fora, e teve notícia do que passava, se mostrou tão sentido e queixoso que, para entrar em casa, foi necessário que o pai saísse a o buscar e dar-lhe satisfações. E quem era este pai e estes dois filhos? O pai era o Eterno Padre; o Filho mais velho, Cristo que, enquanto Deus, foi gerado ab aeterno; e o filho mais moço o homem, que foi criado em tempo. Pois, se o Filho mais velho era Cristo, como se mostra tão sentido dos favores e regalos que o pai fez ao mais moço, que não só parece lhe tem inveja, senão ainda ciúmes do amor do mesmo pai? A razão, é porque, consideradas todas as circunstâncias do mistério da Encarnação do Verbo e redenção do gênero humano, são tais os excessos que Deus fez pelo homem, e a diferença com que tratou a seu Filho, que, se o Filho de Deus fora capaz de invejas, e no amor de Deus houvera lugar de ciúmes, tivera o Filho grandes ciúmes do amor do Padre, e grandes invejas também ao favor e regalo com que tratou os homens.

O regalo do vitelo morto para o banquete é o de que o filho maior se mostrou mais queixoso, e o que particularmente lançou em rosto ao pai. Mas tende mão, magoado e inocente filho, tende mão na

vossa justa dor e sentimento, que a ocasião da queixa, do ciúme e da inveja ainda se não declarou nem mostrou até onde há de chegar. Dizei-me se, em lugar do vitelo, que vosso pai matou para vosso irmão, vos matara a vós, para da vossa carne e do vosso sangue lhe fazer um novo prato, que excesso nunca visto seria este? Pois, sabeis que assim há de ser, e que dessa mesma carne e desse mesmo sangue, que hoje tomastes, lhe há de guisar a onipotência, a sabedoria e o amor de vosso Padre um tão esquisito manjar, que não tenha comparação com ele o maná do céu. Assim foi, e assim o confessou o mesmo Cristo, publicando que a instituição do Sacramento, antes de ser obra sua, fora dádiva do Padre: *Non Moyses dedit vobis panem de caelo, sed Pater meus dat vobis panem de caelo verum* (25). A tanto chegou, a tanto se estendeu o dilexit do Padre no dia da Encarnação, e tanto deu aos homens quando lhes deu seu Unigênito Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret.*

§ V

No dia de hoje amou tanto o Filho aos homens que parece amou mais aos homens que ao Padre. O dilexit da Encarnação e o dilexit do Cenáculo. Se o mesmo Cristo a seu Padre chamava seu, e aos homens nomeava variamente, segundo o pedia a ocasião, com tão diferentes títulos, como neste dia muda o evangelista de estilo, e aos homens chama somente seus e ao Padre não? O recado de el-rei Ezequias ao profeta Isaías. Como anunciaram os profetas de Betel a Eliseu a partida de Elias?

Mas, se no dia da Encarnação amou tanto o Padre aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Filho, contrapondo agora um dia a outro dia, e um amor a outro amor, vejamos também como no dia de hoje amou tanto o Filho aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Padre. E, posto que o dilexit daquele primeiro dia nos abriu mais largo campo e nos deu mais ampla e copiosa matéria, com as obediências então impostas por seu Padre ao Verbo recentemente encarnado, cujas execuções se estenderam até a hora da morte, à qual principalmente se ordenaram, e, pelo contrário, o dilexit deste dia se estreita e limita somente às ações de poucas horas, sem mais teatro que o de um Cenáculo, nem mais campo que o de um Horto, espera, contudo, o amor de hoje confiadamente que, sem sair da estacada, há de correr e quebrar as lanças com tal esforço que se lhe não duvide a vitória.

Suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos (26) . O que muito se deve reparar nestas palavras do Evangelista, é que ao Padre chama somente Padre, e não lhe chama seu, e aos homens chama somente seus, e não lhes dá outro nome. Ao Padre. chama somente Padre, e não lhes chama seu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem* (27); aos homens chama somente seus, e não lhes dá outro nome: *Suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* - Em quase todas as páginas do Evangelho chama Cristo a seu Padre meu Padre, e do mesmo modo aos homens com que tratava, umas vezes lhes chama servos, outras discípulos, outras amigos, outras filhos. Pois, se o mesmo Cristo a seu Padre chamava seu, e aos homens nomeava variamente, segundo o pedia a ocasião, com tão diferentes títulos, como neste dia sinaladamente - *Ante diem festum Paschae* (28) muda o evangelista de estilo, e com termos nem antes nem depois usados, aos homens chama somente seus: *Suos qui erant in mundo* - e ao Padre não chama seu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem?* - O certo é que S. João, como secretário do peito e amor de Cristo, não saiu neste dia com uma novidade tão singular, sem muito grande e bem fundada causa. Qual esta fosse, não me toca a mim hoje especular: o que só pertence a meu intento é dizer o que parece. Digo, pois, que esta palavra seu, quando não significa domínio, senão especialidade - como aqui - não só é denominação de amor, senão de maior amor. Apertado el-rei Ezequias pelos exércitos dos assírios, mandou pedir ao profeta Isaías que encomendasse a Deus aquela grande necessidade, e o consultasse nela: *Si quo modo audiat Dominus Deus tuus verba Rabsacis, quem misit rex Assyriorum ad blasphemandum Dominum Deum viventem et exprobandum sermonibus quos audivit Dominus Deus tuus* (29). Estas foram as palavras do recado, nas quais é muito para notar que pede o rei a Isaías, não só que encomende o caso a Deus, senão ao seu Deus: seu de Isaías, e não seu do mesmo rei: *Si quo modo audiat Dominus Deus tuus; quos audivit Dominus Deus tuus.* El-rei Ezequias e o profeta Isaías ambos criam e adoravam o mesmo Deus verdadeiro. Pois, se o Deus do rei e o do profeta era o mesmo, por que se chama Deus seu do profeta, e não Deus seu do rei? A razão

literal é porque es ta denominação de seu não se funda só na fé, senão no amor. Neste sentido dizia Santo Agostinho: O Deus, utinam possem dicere meus! Chamo-vos Deus, porque vos creio, mas não me atrevo a vos chamar meu, porque vos não amo. - Porém esta razão, ou exceção, não tinha lugar em Ezequias, porque Ezequias era rei santo, e amava muito a Deus. Pois, se Ezequias também amava a Deus, por que lhe não chama meu, ou nosso, senão seu, de Isaías: Deus tuus? Porque Isaías, como profeta de tão singular e levantado espírito, amava e era amado de Deus muito mais que o rei, e que todos quantos então havia em Israel, e este nome, ou título de seu, não só é denominação de amor, senão de maior amor, nem só significa ser amado, senão mais amado.

É tão certa e tão geral esta regra - para que se não duvide dela, nem pela parte do Padre, nem pela nossa - que não só se verifica do amor para com Deus, senão também do amor para com os homens. Quando Deus houve de levar para o céu a Elias, assim os profetas de Betel, como os de Jericó, disseram a Eliseu pelas mesmas palavras: Nunquid nosti, quia hodie Dominus tollet dominum tuum a te (4 Rs 2, 3)? Sabes que hoje há Deus de levar para si a teu senhor?- Assim chamavam por reverência a seu mestre. Mas, se Elias, mestre de Eliseu, também era mestre de todos os outros profetas que viviam naqueles desertos, por que não chamaram a Elias nosso mestre, senão seu de Eliseu: dominum tuum? Era de todos, e só de Eliseu era seu? Sim, porque entre todos os discípulos, o que mais amava, e o mais amado de Elias, era Eliseu; e este nome ou prerrogativa de seu, é tão própria e singular do maior amor que, sendo Elias seu mestre de todos, de Eliseu só era seu, e dos outros não. Por isso, em confirmação do mesmo amor e da mesma singularidade, não disseram que Elias os havia de deixar a eles, senão a ele: tollet a te. E como o ser seu ou não ser seu é o mesmo que ser ou não ser o mais amado, vendo nós hoje que, falando S. João do amor de Cristo, aos homens chama seus: Suos, qui erant in mundo - e ao Padre não chama seu: Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem - que havemos de argüir ou inferir desta diferença? Porventura havemos de inferir que ao Padre, que se não chama seu, amou Cristo menos, e aos homens, que se chamam seus, amou mais? Nenhum cristão é tão ignorante que lhe houvesse de vir ao pensamento tal erro. Mas uma coisa é o que é, outra o que parece. Sempre Cristo infinitamente, e sem nenhuma comparação, amou mais ao Padre que aos homens; porém, neste dia em que o evangelista singularmente lhes chama seus, foram tais os extremos de amor que o mesmo Filho de Deus fez por eles, que parece amou mais aos homens que ao Padre.

§VI

A primeira ação de Cristo neste dia: o lavatório dos pés. O Padre estimou tanto ao Filho que tudo quanto tinha pôs nas mãos do Filho, e o Filho estimou tanto aos homens que, com tudo o que o Padre lhe tinha posto nas mãos, pôs as mesmas mãos aos pés dos homens. A diferença que vai entre entregar nas mãos e por aos pés. Por que o único Pródigo que houve no mundo foi o Filho do Eterno Padre? A segunda ação de Cristo: a Eucaristia, sacramento para os homens e sacrificio para o Padre. A união de Cristo com o Padre e a união de Cristo com os homens. As quatro partes do sacrificio. Assim como Deus não aceita a oferta do homem, antes de o homem estar reconciliado com o próximo, assim Cristo não se une ao Padre, antes de o Padre se reconciliar com os homens.

Ora, discorrámos por tôdas as ações de Cristo neste mesmo dia. sem sair dele, e veremos como todas confirmam este parecer. Quando o amoroso Senhor deu princípio à primeira, que foi lavar os pés aos discípulos, nota e pondera o Evangelista que se deliberou o Divino Mestre a uma ação tão prodigiosa, considerando e advertindo que seu Padre lhe tinha posto tudo nas mãos: Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, coepit lavare pedes discipulorum (30). Muitas outras vezes se faz menção no texto sagrado deste tudo dado a Cristo por seu Eterno Padre: Omnia mihi tradita sunt a Patre meo. Omnia quaecumque habet Pater, mea sunt. Omnia quae dedisti mihi, abs te sunt (31). E em outros muitos lugares. Pois se tantas vezes se repete que o Padre deu tudo a seu Filho, por que razão só neste lugar se diz que esse tudo lho pôs nas mãos: Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus? Sem dúvida pela correspondência e oposição que têm as mãos com os pés. O intento do evangelista era encarecer o amor de Cristo neste dia para com os homens, e haver o Filho de Deus de lavar os pés aos homens, com aquelas mesmas mãos em que o Eterno Padre tinha posto tudo, parece que levantava tanto a

baixeza da mesma ação, que chegava a tocar no Padre. Por isso disse Pater, com grande advertência. Bem pudera o evangelista dizer Deus, como logo continuou: *Sciens quia a Deo exivit, et ad Deum vadit* (32) - mas disse nomeadamente Padre: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus* - para, assim como contrapôs as mãos aos pés, contrapor também o Padre aos homens. E verdadeiramente nesta oposição de mãos a pés, e de Padre a homens, parece que foram mais amados os homens, que o mesmo Padre.

O amor todo é estimação. E quem haverá que, vendo ao Filho de Deus lavar os pés aos homens com aquelas mesmas mãos em que o Padre tinha posto tudo, não lhe pareça que a olhos vistos fez mais estimação o Filho dos pés dos homens que das dádivas do Padre? O Padre estimou tanto ao Filho que tudo quanto tinha pôs nas mãos do Filho: *Omnia dedit ei Pater in manus* (33) - e o Filho estimou tanto aos homens que, com tudo quanto o Padre lhe tinha posto nas mãos, pôs as mesmas mãos aos pés dos homens: *Coepit lavare pedes discipulorum* (34). - Notai este modo de lavar, que foi muito diverso do que costuma ser. Não lavou os pés aos homens com as mãos vazias, senão com as mãos cheias. Assim lavou, e assim havia de lavar, porque assim lava Deus. Deus quando lava, não só alimpa, mas enriquece: alimpa, porque nos tira as manchas da culpa, e enriquece, porque juntamente nos enche dos tesouros da graça. Assim que, sendo Deus o que lavava os pés aos discípulos, claro está que não havia de ser com as mãos vazias, senão cheias. Mas, se estavam cheias de tudo o que nelas pôs o Padre, e essas mesmas mãos põe Cristo debaixo dos pés dos homens, como se não há de entender que estima mais os mesmos pés, que tudo quanto o Padre lhe pôs nas mãos?

Dos cristãos da primitiva Igreja diz S. Lucas que tudo quanto tinham vendiam, e punham o preço aos pés dos apóstolos: *Afferebant pretia eorum quae vendebant, et ponebant ante pedes apostolorum* (Act 4, 34 s). E por que lho punham aos pés, e não lho entregavam nas mãos, se era o preço de tudo? Para mostrar, diz S. Crisóstomo, que estimavam mais os pés dos apóstolos que tudo quanto davam e quanto tinham. Entregar-lho nas mãos seria fazer estimação do que davam; pôr-lho aos pés era protestar veneração das pessoas, e, como estimavam mais as pessoas que as dádivas, por isso lhas punham aos pés, e não lhas davam nas mãos: *ponebant ante pedes apostolorum*. Ó dádivas do Padre! Ó pés dos homens! Ó amor e estimação de Cristo! O Padre deu tudo quanto tinha ao Filho, e não lho pôs aos pés, senão nas mãos, porque estimou o que lhe dava quanto a mesma dádiva merecia, pois era tudo quanto tinha Deus. E que este tudo do Padre, de que estavam cheias as mãos do Filho, o pusesse o Filho, e mais as mesmas mãos aos pés dos homens!

O que podia daqui inferir o discurso, se não tivesse mão nele a fé, é que prezou Cristo mais os pés dos homens que as dádivas do Padre. Mas o certo, e a verdade, é que não foi nem podia ser assim. Amou e estimou o Filho sumamente as dádivas de seu Padre, tanto pelo que eram em si, como pelas mãos de quem vinham. Porém, esta mesma estimação não desfaz, antes reforça mais o mesmo discurso, porque dele se infere estima com sobre estimação, e amor sobre amor. Quando a Madalena pôs aos pés de Cristo os alabastros, os unguentos, os cabelos, os olhos, as lágrimas, as mãos, a boca, e a si mesma, não foi porque não estimasse tudo isto, senão porque tudo isto era o que mais estimava. E que consequência tirou dali, não outrem, senão o mesmo Cristo? *Quoniam dilexit multum* (35) . - De pôr tudo o que mais estimava, e a si mesma, a seus pés, inferiu o Senhor o grande excesso com que amava. E assim era, porque quando o que se preza muito em um amor se põe aos pés do outro, então se prova que este segundo é maior. Logo, se assim o inferiu Cristo, por que não inferiremos nós o mesmo? Se tudo quanto o Padre pôs nas mãos do Filho, e as mesmas mãos e a si mesmo, prostrado em terra, põe o Filho aos pés dos homens, como não há de parecer que os homens são os que mais estima, e os homens os que mais ama?

Para declarar o amor do Padre, foi-nos necessário fingir parábolas; para inferir o do Filho não é necessário fingi-las, basta aplicar uma e sua. Quando o filho Pródigo, em serviço de outro amor, empregou quanto tinha recebido de seu pai, e sua própria pessoa, até se abaixar às maiores vilezas de servo, não é certo que amou mais a quem se tinha rendido que a seu pai? Pois este pródigo foi Cristo, diz Guerrico Abade, e depois dele Guilherme, ainda com maior energia: *Quis unicus prodigus invenitur, sicut ille unigenitus Patris* (36)? O único pródigo que houve no mundo foi o Filho do Eterno Padre.- E por que Pródigo e único? Pródigo, porque se pareceu com o Pródigo, e único, porque o

excedeu. Pareceu-se com o Pródigo, porque assim como o Pródigo tudo quanto tinha recebido do pai, e a si mesmo, empregou em serviço e amor de quem o não merecia, assim Cristo, com tudo quanto lhe tinha dado seu Padre, e com sua própria pessoa, serviu e amou aos homens e - para que a parábola ficasse inteira - a homens pecadores. E excedeu muito o mesmo Pródigo, porque o Pródigo, obrigado da fome, foi buscar o pão à casa do pai, e Cristo não o foi buscar a outra parte, mas desentranhou-se a si mesmo, e fez-se pão; o Pródigo arrependeu-se do seu amor, e pediu perdão do que tinha amado, e Cristo não se arrependeu jamais, mas perseverou constante no mesmo amor até o fim: *In finem dilexit eos*.

Do ministério humilde do lavatório, passou o Senhor ao mistério altíssimo do Sacramento, e aqui se declarou seu amor muito mais por parte dos homens. E por que? Porque para o Padre instituiu o Sacramento como sacrifício: para os homens instituiu o sacrifício como sacramento, e, posto que o mistério seja o mesmo, maior amor se argúi dele enquanto Sacramento que enquanto sacrifício. Como sacrifício consome-se: como Sacramento conserva-se; como sacrifício é ação transeunte: como Sacramento permanente; como sacrifício tem horas do dia certas: como Sacramento é de todo o tempo, de dia e de noite; como sacrifício não se aparta do altar, e de sobre a ara: como Sacramento sai às ruas, e entra em nossas casas; como sacrifício, enfim, tem por fim o culto e adoração do Padre: como Sacramento, a presença, a assistência e a união com os homens. Vede a diferença do amor na mesma instituição e na mesma mesa, que foi a mesa e o altar: *Tibi - ao Padre - gratias agens. Discipulis - aos homens - accipite, et comedite: Ao Padre deu as graças, aos homens fez o banquete; ao Padre ofereceu-se, com os homens uniu-se.*

E como se uniu? É tal a união que os homens contraem com Cristo no Sacramento que, comparada com a mesma união que o filho tem com o Padre, se a não excede enquanto união, excede-a muito enquanto amorosa. Revelando Cristo a união altíssima que tem com seu Padre, diz: *Ego in Patre, et Pater in me est. (Jo 14, 10):* Eu estou no Padre, e o Padre está em mim. - E declarando a união que tem com o homem no Sacramento, diz pelos mesmos termos: *In me manet, et ego in illo (Jo 6, 57):* Ele está em mim, e eu nele. - E qual destas duas uniões tão parecidas é maior? A que o Filho tem com o Padre é maior em gênero de união, porque é unidade; porém, a que Cristo tem com o homem no Sacramento é maior em gênero de amorosa, porque a fez o amor. Pois, a união que tem o Filho com o Padre não a fez o amor? Não, porque a união entre o Padre e o Filho funda-se na geração eterna antecedente a todo ato da vontade. A nossa é obra da vontade do Filho: a do Filho é obra do entendimento do Padre. O Filho está no Padre, e o Padre no Filho, porque o Padre se conheceu; e nós estamos em Cristo, e Cristo em nós, porque o Filho nos amou. Logo, ainda em comparação da união que o Filho tem com o Padre, vence, sem controvérsia nem batalha, o amor dos homens.

Isto no sacramento enquanto sacramento. E passando ao sacrifício enquanto sacrifício, digo que também o mesmo sacrifício se ordenou a maior união de Cristo com os homens, que do mesmo Cristo com o Padre. Santo Agostinho, distinguindo esta união, e admirando o amor de Cristo nela, depois de advertir que todo o sacrifício se compõe de quatro partes: *Quid offeratur, a quo offeratur, cui offeratur, pro quibus offeratur (37):* quem oferece, o que oferece, a quem oferece, e por quem oferece - diz que o fim que Cristo teve no admirável invento do seu sacrifício, foi fazer que todos estes quatro, por meio dele, fossem uma só coisa: *Ut idem ipse unus, verusque mediator per sacrificium pacis reconcilians nos Deo, unum cum illo maneret cui offerebat; unum in se faceret, pro quibus offerebat: unus ipse esset, qui offerebat, et quod offerebat.* Só a agudeza de Agostinho pudera penetrar os íntimos secretos de tão intrincado e bem tecido labirinto de amor. No sacrifício do altar, quem oferece é Cristo, o que oferece é seu corpo, a quem oferece é o Padre, por quem oferece são os homens. E como pode ser que todos estes quatro em um só sacrifício se unam de tal sorte que sejam uma e a mesma coisa? Deste modo. Para que Cristo, que é o sacerdote que oferece, fosse - a mesma coisa com o sacrifício, fez que o sacrifício fosse de seu corpo; para que os homens, por quem se oferece, fossem a mesma coisa com o sacrifício e com o sacerdote, fez que os homens o comessemos; e para que o Padre, a quem se oferece, fosse a mesma coisa com os homens e com Cristo, fez que por meio do mesmo sacrifício se reconciliasse o Padre com os homens. Só o amor onipotente podia inventar um bocado, em que, sendo um só o que o come, fossem quatro, e tais quatro os que ficassem unidos.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

